

Os Estados Unidos de Monteiro Lobato e as respostas ao « atraso » brasileiro *

Nossa preocupação central neste artigo é apreender como os Estados Unidos foram sendo construídos por Monteiro Lobato¹ enquanto paradigma para a superação do atraso –sobretudo econômico, mas também político e cultural – do Brasil. Considerando o conjunto de sua produção, na qual ele tece sistematicamente considerações sobre os problemas enfrentados pela sociedade brasileira, torna-se possível identificar em que situações a experiência norte-americana emergia – com nitidez maior ou menor, dependendo do momento em que esta ou aquela obra foi escrita – como modelo a ser seguido.

Dois livros foram fundamentais para a organização deste texto. O primeiro, *A barca de Gleyre*, obra em dois volumes, recupera as cartas que Lobato enviou, durante quarenta anos, a Godofredo Rangel, seu amigo desde os tempos da faculdade. A importância desta fonte deriva da sua própria natureza,

« cartas íntimas, despidas de qualquer pretensão, cerimônia ou formalidade, [que], podem, também e sobretudo, contribuir para revelar uma versão pessoal dos acontecimentos de uma época. através do diálogo informal dos seus protagonistas » (VIANNA & FRAIZ 1986 : 13).

A segunda – *A República do Pica-pau Amarelo. Uma leitura de Monteiro Lobato*, de André Luiz Vieira de Campos, originalmente dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal Fluminense, em 1985 – recupera o pensamento político de Lobato, procurando entender, de acordo com o próprio autor,

« com base na sua [de Lobato] crítica ao "atraso" do país e nas alternativas [...] propostas para o progresso da sociedade brasileira, [...] um projeto de

* Este artigo foi baseado em trabalho apresentado no curso « Perspectivas latino-americanas dos Estados Unidos », ministrado pela professora Nancy Naro, no doutorado em História da Universidade Federal Fluminense, 1º semestre de 1992.

1. Advogado, jornalista, proprietário rural, escritor, editor, dublê acabado de intelectual e empresário, José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) foi uma das personalidades brasileiras mais fascinantes da primeira metade deste século. Autor de cerca de 40 títulos, de literatura geral e literatura infantil, escritas basicamente entre 1914 e 1943, Lobato foi um polêmico, contraditório e apaixonado crítico da sociedade brasileira da Primeira República e da Era Vargas. Praticamente todas as grandes questões que mobilizaram o país nas décadas de 1910 a 1940 encontram nele um observador participante, atento e indignado.

hegemonia burguesa que não se concretizou, derrotado [...] pela vitória do corporativismo autoritário que o Estado Novo concebeu e implantou » (CAMPOS 1986 : xvi).

Essas duas obras orientaram a consulta aos diversos livros de Monteiro Lobato que, juntamente com elas, vieram a constituir a bibliografia básica do trabalho. Ademais, *A barca de Gleyre* e *A República do Pica-pau Amarelo* contribuíram de forma decisiva para a conformação final do texto, calcada nos sucessivos momentos da história pessoal de Lobato, que serão apresentados a seguir.

Nas cidades mortas

Em 1904, com 22 anos de idade, Lobato bacharela-se em direito pela tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, de São Paulo. No ano seguinte retorna a Taubaté, sua cidade natal, onde, na falta de uma ocupação regular, passa o tempo « escrevendo contos e artigos para jornais de cidades do vale do Paraíba » (VIANNA & FRAIZ 1986 : 23). Data desse período as primeiras manifestações da vocação empresarial, que já associavam o êxito nos negócios com o *know how* norte-americano :

« Sabe em que penso agora ? Em indústria ! Uma fábrica de doces em vidro, geléias inglesas, sistema Morton ou Teysseneau A firma será Lobato & Paiva. O Paiva é o Eugênio de Paiva Azevedo, meu companheiro de planos. *E invadiremos o mercado com uma reclame verdadeiramente americana* »².

Viagem de trem ao Oeste paulista estimula o capitalista que Lobato carrega dentro de si. Impressionado com o desenvolvimento econômico da região, trazido pela cafeicultura, afirma :

« Corri as linhas da Paulista, Mogiana e Sorocabana, com paradas nas inconcebíveis cidades que da noite para o dia o café criou - São Carlos [...], Ribeirão Preto [...], Araraquara, Piracicaba [...] e outras. Vim de lá maravilhado. [...] *Lá ninguém mora, apenas estaciona* para ganhar dinheiro. [...] Esse meu longo passeio [...] buliu muito com as minhas idéias. Tenho que estacionar lá também. [...] Estou apertando minhas cunhas para ser nomeado para Ribeirão [Preto] ou coisa equivalente »³.

Apesar de pretender uma colocação no novo, próspero e dinâmico Oeste paulista, Lobato acaba nomeado, em março de 1907, promotor público em Areias, uma das « cidades mortas » do vale do Paraíba paulista. Essa indicação é obtida graças à influência do avô. Contrariando o Lobato futuro, crítico contumaz da politicagem e dos favoritismos típicos da República Velha, ele afirma, sem constrangimento :

« Estou nomeado promotor público da comarca de Areias, que deve ser nalgum lugar [...] cento e tantos candidatos - informou-me o próprio secretário Washington Luís. Foi trunfo decisivo uma carta do meu avô ao general [Francisco] Glicério »⁴.

A vontade de enriquecer leva-o a censurar abertamente o amigo e correspondente Godofredo Rangel por não ter ambições materiais. Na carta,

2. M. LOBATO 1950a : 113 (grifo nosso) (carta de 17 de dezembro de 1905).

3. *Ibid.* : 153-154 (grifo do original) (carta de 18 de janeiro de 1907).

4. *Ibid.* : 158-159 (carta de 14 de abril de 1907).

já escrita de Areias, estabelece uma relação direta entre ascensão social e um conhecido magnata americano.

« Outro revoltante defeito que noto em você é a falta de ambição monetária. [...] Há muito pobre cuja ambição de enriquecer já é uma inapreciável riqueza. Eu, por exemplo. Sou um mísero promotor de 300\$ por mês, mas meço as minhas ambições por alqueires. *Bati nesse ponto ao próprio Rockefeller* »⁵.

Ao longo do período que permaneceu em Areias, aproveitando-se do ócio forçado que a ocupação lhe propiciava, foi um espectador privilegiado do cotidiano rotineiro e sem perspectivas das decadentes cidades daquela velha zona cafeeira. « A vida pacata e sem atrativos [...] [impele-o] a se refugiar na literatura, traduzindo obras e enviando matérias e contos para os jornais *O Estado de S. Paulo*, *A Tribuna de Santos* e a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro » (VIANNA & FRAIZ 1986 : 23). O jovem promotor, casado desde 28 de março de 1908 com Maria Pureza Natividade, dedica-se a traduções de originais em inglês para aumentar o orçamento doméstico, e à leitura de obras da literatura inglesa e da norte-americana.

O privilegiamento do idioma inglês por Lobato em detrimento do francês é destacado por André Vieira de Campos. Se a língua francesa era o « código através do qual nossas elites importavam e faziam circular valores e normas, ou melhor, todas as formas de pensar hegemônicas na época », o conhecimento do inglês « o levaria a tomar contato com um outro mundo : os Estados Unidos » e a se familiarizar com « formas modernas de pensamento, muito mais próximas de um modelo norte-americano que europeu » (CAMPOS 1986 : 9).

Colaborando com frequência com a imprensa paulista e também com a carioca – em meados de 1909 começam a sair na conceituada revista *Fon-Fon!* desenhos e caricaturas de sua autoria, sob o pseudônimo de H.B.⁶ –, Lobato aborda a questão do nacionalismo no conto « Bocatorta », objeto de muitas considerações em sua correspondência. Compara o protagonista com Caliban, uma das figuras centrais da trama de *A Tempestade*, de Shakespeare : « Bocatorta sempre latente na mata, naquela mata, como o próprio gênio da mata, o seu Caliban, a sua alma secreta e noturna. » Mas essa mata seria real, uma verdadeira mata brasileira :

« A floresta deste país de florestas que é o Brasil nunca foi pintada, nem interpretada ! Não temos nada *d'après nature* em matéria de mata. Tudo é imaginado e tratado com receitas, com frases feitas [...] »⁷.

Apesar de estar cada vez mais envolvido em atividades intelectuais, escrevendo em Areias os escritos que mais tarde vão compor o livro *Cidades mortas* (CAMPOS 1986 : 10), Lobato continua interessado em negócios. Em carta da capital paulista, onde se instala provisoriamente, informa estar metido « em coisas industriais e creio que deixo Areias e me fixo em São Paulo »⁸. Mas as misteriosas « coisas industriais » não dão certo e Lobato retorna com a família para Areias. Daí só sai em meados de 1911 e seu destino não é um grande centro urbano, mas sim, ironicamente, uma fazenda. A morte do avô, o visconde de Tremembé, no final de março

5. *Ibid.* : 187 (grifo nosso) (carta de 1907, sem indicação de dia nem de mês).

6. M. LOBATO 1950a : 225 (carta de 22 de julho de 1909).

7. *Ibid.* : 279-280 (carta de 23 de outubro de 1909).

8. M. LOBATO 1950a : 287 (carta de 30 de abril de 1910).

daquele ano, transforma-o no herdeiro da Buquira, propriedade rural da família.

Antes de se transferir para a fazenda, Lobato, de passagem por Taubaté, instala um colégio num « casarão imenso, deixado pelo avô e um parente que não conseguiu estudar » e em seguida, depois que o empreendimento « vai de vento nas costas »⁹ o oferece de presente a um cunhado. Entretanto, seus planos no campo educacional são bem mais ambiciosos. Pretende fundar um colégio exclusivamente para meninos ricos, onde eles aprenderiam « a ser ricos com decência e proveito social ». O colégio funcionaria assim :

« Um colégio onde só ensinem coisas de rico - esporte, pôquer, bridge, danças, línguas vivas faladas, elegâncias, pedantismos, etiquetas e as tinturas de literatura, ciência e arte necessárias nas conversas de salão. O café está a 10 000. O fazendeiro nada em ouro - que fazendeiro não quererá os filhos educados assim ? »¹⁰.

A exemplo de outras iniciativas, como a do lançamento de um sanatório em São José dos Campos, o colégio para meninos ricos não vai adiante.

Proprietário de terras, senhor de homens

Lobato muda-se, com a mulher e filhos para a Buquira no final de 1911. Na qualidade de empresário rural, busca modernizar os métodos de produção e de administração ali empregados. Seu espírito empreendedor logo se manifesta e toma uma série de medidas :

« Constrói um grande lago que enche de marrecos-de-Pequim, gansos e patos. Importa cabras, galinhas, porcos das melhores raças. Incrementa o plantio do café, feijão, milho, arroz. Reforma a máquina de beneficiar café. Planta capins especiais. Assina revistas especializadas em agricultura e pecuária » (*Grandes personagens da nossa história* 1970 : 949).

Uma vez mais os procedimentos adotados nos Estados Unidos são sinônimo de qualidade, de garantia de sucesso. Empenhado no cruzamento de raças de galináceos, Lobato informa que adota « os processos americanos, que nisso são incomparáveis e têm formado raças maravilhosas » e que está « remodelando americanamente as acomodações das minhas Leghorns »¹¹.

Ao mesmo tempo em que investe na Buquira, envolve-se num mirabolante empreendimento urbano, no coração da cidade de São Paulo. Associado a Ricardo Gonçalves, outro amigo dos tempos de faculdade, Lobato almeja « substituir o atual viaduto do Chá por um monumental viaduto habitado, com casas dos dois lados - uma via suspensa ! » Apesar de contar com a influência de Gonçalves na Câmara Municipal de São Paulo, responsável pela autorização daquele tipo de obra, depois de um ano de expectativa o negócio não sai do papel¹².

Mais importante do que os seus impulsos empresariais, as reflexões de Lobato sobre a monocultura cafeeira, o caboclo, a mentalidade « atrasada » do campo e a construção da nacionalidade brasileira, temas que lhe são

9. *Ibid.* : 305 (carta de 22 de junho de 1911) e 308 (carta de 7 de agosto de 1911).

10. *Ibid.* : 306 (carta de junho de 1911).

11. M. LOBATO 1950a : 330 (carta de 19 de agosto de 1912) e 350 (carta de 30 de abril de 1914).

12. *Ibid.* : 337 (carta de março de 1913) : 338 (carta de 21 de abril de 1913) e 350 (carta de 30 de abril de 1914).

caros desde a faculdade, ganham nova dimensão no cenário da Buquira. A visão que o patrão Lobato tem do trabalhador rural é fortemente condicionada pela imagem racista da população brasileira, comum a uma elite intelectual, da qual ele faz parte, formada no início do século, que, baseada no « binômio civilização-progresso [...] [preocupa-se] em construir uma nação moderna, livre dos traços "caipiras" predominantes no interior, mas também [presentes] na cidade » (FRAIZ 1991 : 283)¹³.

O estreito contato com os caboclos seus empregados leva-o a escrever o artigo « Velha praga », cujo esboço desenvolve em carta. Considerando o caboclo o piolho da terra, um ser « constritor e parasitário, aliado do sapé e da samambaia, um homem baldio inadapável à civilização »¹⁴, Lobato é implacável em suas avaliações :

« Atualmente estou em luta contra quatro piolhos "agregados" aqui das terras. Persigo-os, quero ver se os estalo nas unhas. Meu grande incêndio de matas desse ano a eles o devo. [...] Começo a acompanhar o piolho desde o estado de lêmea, no útero de uma cabocla suja por fora e inçada por superstições por dentro. Nasce por mãos de uma negra parteira, senhora de rezas mágicas de macumba. Cresce. [...] Constrói lá uma choça de palha igualzinha à paterna, produz uns piolhinhos muito iguais ao que ele foi. [...] Contar a obra de pilhagem e depredação do caboclo. A caça nativa que ele destrói, as velhas árvores que ele derruba, as extensões de matas lindas que ele reduz a carvão »¹⁵.

Publicado em novembro de 1914 na seção « Queixas e reclamações » de *O Estado de S. Paulo*, « Velha praga » alcança enorme repercussão. Lobato recebe cartas elogiosas, convites para conferências e em dois meses o artigo é reproduzido em 60 jornais do país. Em seguida, publica no mesmo jornal outro artigo, « Urupês », protagonizado pelo « tipo que o consagraria definitivamente na literatura : o Jeca Tatu » (CAMPOS 1986 : 11), o caipira ignorante e indolente, supostamente responsável pelos problemas do fazendeiro. Em « Urupês », Lobato relaciona os defeitos do Jeca – passividade, preguiça, falta de iniciativa econômica e política – e conclui que ele « é incapaz de evolução » e « impenetrável ao progresso » (CAMPOS 1986 : 17).

Naquele momento, em plena efervescência da Primeira Grande Guerra, observa-se no país um interesse maior pelas coisas nacionais, pelos seus problemas. A advertência de Lobato sobre a necessidade de se reduzir a imensa distância entre a « gente civilizada » e a « realidade das coisas » – que colocava-o na contramão da produção literária da época, a literatura *Belle Époque* dos salões da burguesia carioca e paulistana, nos quais o « endeusamento do modelo civilizatório parisiense era concomitante ao desprestígio das nossas tradições » (VELOSO 1985 : 3) – começa a fazer mais sentido¹⁶.

13. A autora chega a afirmar que a idolatria de Lobato pela civilização norte-americana pode ser explicada pela teoria racial montada pelo argentino Domingos Sarmiento, segundo a qual o progresso dos EUA se devia à não-miscigenação.

14. M. LOBATO 1950a : 366 (carta de 22 de novembro de 1914).

15. *Ibid.* : 362-363 (carta de 20 de outubro de 1914). Nessa mesma carta, investe contra os literatos urbanos que, endeusando o caboclo, eleito herdeiro do índio retratado pelo « romantismo indianista », perpetuam, segundo ele, uma visão equivocada do homem rural.

16. Ao lado de Euclides da Cunha e Lima Barreto, Lobato formava no grupo dos chamados escritores-cidadãos, « que concebiam a literatura como arena de combate e instrumento de denúncia social » (cf. CAMPOS 1986 : 8).

No bojo desse surto de nacionalismo surge a *Revista do Brasil*, lançada em janeiro de 1916 em São Paulo. Sua linha editorial não só denuncia a dependência cultural ideológica em que vivia as elites da terra, como também propõe a superação desse estado de coisas mediante o resgate de valores culturais e morais, buscados, muitos deles, na nossa história e nas nossas tradições, e a difusão « de um conjunto de atributos particulares e únicos que permitissem a todos os membros da nação brasileira se reconhecerem, construindo assim sua identidade política » (CAMPOS 1986 : 38).

Colaborando regularmente com a nova publicação desde o seu terceiro número, Lobato a recomenda vivamente a Godofredo Rangel : « Já viste a *Revista do Brasil* ? É caso de tomares assinatura. Nasceu de boa estirpe, está bem aleitada pelo *Estado [de S. Paulo]*. É a única nesse gênero em todo o país – e é nossa »¹⁷.

Outra característica da revista com a qual Lobato se identifica é exatamente a divulgação de temas científicos, entre os quais saneamento, higiene e sobretudo organização do trabalho. A *Revista do Brasil*, em seu primeiro número, lamenta a morte do engenheiro norte-americano Frederic Taylor, grande vulgarizador do conjunto de técnicas conhecidas como taylorismo, que encontra em Lobato um entusiasta adepto.

Par e passo ao amadurecimento literário e intelectual, a trajetória de Lobato vai sendo marcada por um crescente envolvimento com questões de natureza econômica, não apenas as ligadas diretamente à sua sobrevivência, mas também as que remetiam ao universo mais amplo do desenvolvimento do país. Seu interesse cada vez maior por esse domínio foi certamente o grande responsável pela « descoberta » dos Estados Unidos, pela crença de que a adoção da mística do progresso material e da eficiência trazida pela máquina, embutida nos valores do *american way of life*, seria fundamental para a superação do atraso brasileiro.

No final da segunda década do século, os Estados Unidos não eram mais vistos como « o país do mercantilismo, do interesse, do egoísmo brutal »¹⁸. Com o término da Primeira Guerra Mundial, a realidade era outra. Grande vencedor do conflito, os norte-americanos, « abarrotados de divisas e esbanjando prosperidade », rapidamente expandiam sua influência por todo o planeta. E ao Brasil, « essa influência chegava não apenas sob a forma de capital, que o governo brasileiro tomava emprestado dos Estados Unidos, mas também como modelo ideal de civilização » (Senai¹⁹-SP 1991 : 52).

Com as atenções cada vez mais voltadas para os acontecimentos intelectuais da metrópole paulista, Lobato vai gradativamente se desinteressando da vida na Buquira. Na verdade, desde o início de 1915 ele comenta em suas cartas a eventual venda da propriedade. Em maio desse ano, informa que a fazenda seria adquirida por uns americanos por 40 mil dólares. A operação, no entanto, só se concretiza muito depois – em meados de 1917 – e a um outro comprador²⁰. Na sua decisão pesa o fato de ter recebido « a fazenda

17. M. LOBATO 1950a : 64 (carta de 20 de janeiro de 1910).

18. Essa definição foi dada por Bastos Tigre em carta a Emílio Meneses, escrita em 1906 e citada no ensaio « O sexo frágil e o *sportsman* », cf. *Nosso Século* 1980 : 116.

19. Senai = Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

20. M. LOBATO 1950a : 17 (carta de 6 de fevereiro de 1915) : 26 (carta de 12 de fevereiro de 1915) : 28 (carta de 17 de maio de 1915) e 149 (carta de 24 de setembro de 1917).

com dívidas, a terra cansada e, além disso, tinha dificuldade em vender toda a sua produção » (*Grandes personagens da nossa história* 1970 : 949).

A partir desse momento, Monteiro Lobato pode dedicar-se exclusivamente à literatura. Estabelecido provisoriamente em Caçapava, onde funda a revista *Paraíba*²¹, no final de 1917 fixa-se em São Paulo. Lá, em pouco tempo, passa a acumular as atribuições de escritor e de editor.

Escrevendo e editando o Brasil

Recém-chegado à capital paulista e desfrutando do reconhecimento dos pares graças ao impacto de « Velha praga » e « Urupês », e da boa acolhida à sua produção mais recente, publicada na *Revista do Brasil*, Lobato conclui um inquérito sobre o Saci, fruto de suas preocupações nacionalistas, lançado pelo *Estado de S. Paulo*. A essa altura, processa-se a revisão da figura do Jeca Tatu, materializada mais tarde.

« Meu Saci está pronto, isto é, composto ; falta só a impressão. [...] Ontem escrevi o Epílogo, a coisa mais minha que fiz até hoje - e concluo com a apologia do Jeca. Virei a casaca. Estou convencido de que o Jeca Tatu é a única coisa que presta neste país »²².

A personalidade contraditória de Lobato se evidencia dias depois, quando, em longo desabafo a Rangel, depois de confessar-se imerso numa « neurastenia das negras », coloca em cena a questão da nacionalidade « dual » do Brasil, estendendo-a ao resto da América latina. Dizendo-se sem condições de entender o Brasil a partir do próprio país, deseja viajar para, do exterior, enxergar melhor o que se passa aqui :

« Acho que só de lá [Europa, Paris] posso ver bem e estudar este Brasil. Cá dentro somos um pau de floresta e os paus de florestas não podem fazer idéia das florestas em conjunto. Falta-lhes o longe da perspectiva aérea. [...] Tenho de colocar-me longe para ver se o Brasil é coisa que mereça consideração. Possuem os que na América não são bugres puros, duas pátrias : a mãe nativa, a mestiça simplória que nos pariu por obra e graça duma fecundação de europeu, e a mãe de criação, a Europa, que nos dá desde o berço uma língua, aos 15 anos nos dá Robinson e Júlio Verne, aos 20 nos dá toda a França e daí por diante nos dá "heimatlândia", essa coisa sem pátria, formada da secreção de toda a mentalidade universal. Acho penoso viver toda a vida no regaço da mãe tapuia, ainda de argolas nos beijos da alma, embora vestida de Eloy Chaves e Wenceslau e com o Freitas Vale ao colo. Mas minha fuga à Europa depende do fim desta maldita guerra »²³.

A América latina, vista como o Ocidente do Terceiro Mundo, mescla, nas identidades nacionais emergentes, « civilização » - trazida pelo conquistador europeu - e « barbárie » - a contribuição dos conquistados nativos (VIANNA 1991 : 145-189). De certo modo, Lobato reconhece a contradição inerente ao ser latino-americano... e se angustia com ela.

O ano de 1918 é fundamental para o futuro de Monteiro Lobato. Com o dinheiro obtido na venda da Buquira, adquire, no mês de maio, a *Revista do Brasil*, desejo que nutria há alguns meses :

21. Nos 12 números da revista, « colaboraram Menotti del Picchia, Coelho Neto, Olavo Bilac, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo, Veiga Miranda e outras figuras importantes da literatura da época », cf. *Grandes personagens da nossa história* 1970 : 950.

22. M. LOBATO 1950a : 160 (carta de 8 de dezembro de 1917).

23. *Ibid.* : 166-167 (carta de 28 de dezembro de 1917).

« Querem que eu substitua o Plínio na direção [da *Revista do Brasil*] mas minha idéia é substituir-me à assembléia, comprando aquilo. Revista sem comando único não vai »²⁴.

Em julho, lança seu primeiro livro, *Urupês*, que reúne, além do artigo do mesmo nome, o consagrado « Velha praga », entre outros trabalhos já publicados. O sucesso de vendas é estrondoso ; sucessivas tiragens esgotam-se em pouco tempo. No final de 1918, sai seu segundo livro, intitulado *Problema vital*, editado pela Sociedade Eugênica de São Paulo e pela Liga Pró-Saneamento do Brasil.

Coletânea de artigos publicados no *Estado de S. Paulo*, *Problema vital* é resultado de uma viagem ao vale do Ribeira do Iguape, em companhia do médico sanitário Artur Neiva. Centrada no temário da higiene e saneamento – para Lobato, o combate às doenças garantiria a constituição de uma nação moderna e civilizada –, essa obra consolida sua revisão do caipira, repensando assim « a concepção racista que norteou a construção do Jeca, em 1914. O Jeca é assim porque é doente, mal alimentado, e não porque é mestiço » (FRAIZ 1991 : 285). Aloísio Alves Filho reitera essa interpretação, ao considerar que Lobato, « livre do "bias" do fazendeiro », reconstrói « a identidade do Jeca por novo prisma : o Jeca não é assim, está assim [e] passa a representá-lo como um produto das endemias rurais » (ALVES FILHO 1990 : 28).

André Vieira de Campos chama a atenção nessa obra para a ênfase na questão do trabalho, ou melhor, na « necessidade de se modernizar as relações de trabalho no país, através da melhoria das condições de vida da população rural, paralelamente à introdução de métodos disciplinares nitidamente tayloristas » (CAMPOS 1986 : 83). Essa percepção do mundo do trabalho seria, logo depois – com a consolidação das atividades empresariais de Lobato – aplicada ao ambiente fabril.

A vendagem de seus dois primeiros livros abre caminho para Lobato, que, em sociedade com um rapaz de 19 anos, Octales Marcondes Ferreira, funda a Editora Monteiro Lobato & Cia., em fins de 1918. « Em pouco tempo está instalada em prédio próprio, com uma gráfica anexa. Passa a chamar-se Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato » (*Grandes personagens da nossa história* 1970 : 950). Além de ser o primeiro editor genuinamente nacional – a falta de tipografias bem aparelhadas levava à impressão de livros na França e em Portugal –, Lobato revoluciona o sistema de distribuição, integrando à rede de vendas padarias, armazéns e farmácias. Confiante no sucesso de público de seus artigos e crônicas, Lobato decide « desovar » sua produção de anos anteriores, reunindo-a em livros :

« O meu *Urupês* continua a sair bestialmente. Até enjoa... estou premeditando a 5ª edição. Vou dar agora *Idéias de Jeca Tatu*, coisas publicadas em jornal, sobretudo no *Estado*. Em seguida, darei *Cidades Mortas*, contos de Areias e Taubaté »²⁵.

A popularidade dos textos ficcionais é tão grande « que até para o cinema vão meus contos entrar. Duas empresas querem fazer "Os Faroleiros", "O

24. M. LOBATO 1950a : 159-160 (carta de 4 de novembro de 1917).

25. M. LOBATO 1950a : 203 (carta de 6 de julho de 1919). Com efeito, os dois livros são lançados em 1919. Entre 1918 e 1923, Lobato publicou vários livros de sua autoria – em sua quase totalidade, porém, « produção antiga : dos tempos de estudante em São Paulo, da fase de Areias e de Taubaté ou da época em que viveu na fazenda Buquira », cf. CAMPOS 1985 : 45.

Estigma", "Bocatorta" e "O Comprador de Fazendas" »²⁶. Contudo, sua condição de editor, de empresário, impõe-se à de autor. As cartas escritas nesse período ilustram a escolha de Lobato em fazer dinheiro. Agora, *time is money* !

« Não sou literato, não pretendo ser, não aspiro o louro acadêmico. [...] Faço livros e vendo-os porque há mercado para a mercadoria ; exatamente o negócio de quem faz vassouras e vende-as do quem faz chouriços e vende-os »²⁷.

Descontado o evidente exagero da afirmação, a verdade é que Lobato, nesse início dos anos 1920, praticamente interrompe sua atividade criadora, dedicando-se à condução dos negócios da editora, incluindo aí a tarefa de editar livros alheios, de autores novos, como Oswald de Andrade, Ribeiro Couto, Menotti del Picchia e Gilberto Amado, entre outros. Em 1921, contudo, interrompe o jejum criador e lança, com grande sucesso, dois livros infantis – *A menina do narizinho arrebitado* e *O saci* , dando início a uma bem sucedida carreira de escritor para crianças. Publica também *Onda verde*, obra para adultos, no qual, em dois artigos – « A lua córnea » e « A arte americana » – detém-se na análise da indústria cinematográfica, invenção francesa otimizada nos EUA. Afirmando ser o cinema « veículo de imagens de muito maior envergadura » que o livro, eleva-o à categoria de arte, uma arte nova, à altura do « povo adolescente a formar-se em terra nova com a fina flor eugênica das boas raças européias ». A arte americana apresenta a particularidade de se desenvolver numa « gigantesca base industrial », que lhe permite « assumir a situação de maior do mundo »²⁸.

Frente a um quadro que se desenha adverso para suas atividades empresariais, Lobato mostra-se desanimado em janeiro de 1922, mas a sua admiração pelos Estados Unidos cresce em espiral.

« Câmbio sempre mau, país cada vez mais minguado e poucas perspectivas de bons negócios. Que vontade de mudar de terra - ir viver num país rico, como o dos americanos ! Isto não passa dum imenso tartarugal. Tudo se arrasta »²⁹.

Em 1924, lança *Jecatatusinho*, « texto que melhor sintetiza a perspectiva de Lobato sobre a questão do saneamento no Brasil » (CAMPOS 1986 : 39). Sua circulação foi muito grande, uma vez que foi veiculado como material de propaganda do Biotônico Fontoura, remédio fortificante muito popular no país naqueles anos. Em *Jecatatusinho*, o entusiasmo pelo *american way of life* é mais do que evidente. O protagonista, depois de curado pelo médico, « deixou de ser preguiçoso, fraco e medroso ; tomou gosto pelo trabalho e adquiriu valores de ascensão social e enriquecimento ». Não satisfeito este novo homem, empreendedor e bem sucedido, « adquiriu um caminhão Ford » e agora « só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas ». Chegou mesmo a ter aulas de inglês para ver « como é lá [nos EUA] a coisa » (CAMPOS 1986 : 40.).

A Revolução de 1924, no mês de julho, aliada à crise econômica de 1925, motivada pela longa estiagem e a conseqüente falta de energia elétrica, acarretam uma virtual paralisação das atividades econômicas da capital paulista, frustrando seus planos empresariais. A política econômica do

26. *Ibid.* : 206 (carta de 5 de novembro de 1919).

27. *Ibid.* : 211 (carta de 17 de janeiro de 1920).

28. M. LOBATO 1950C : 18 e 117, 119, respectivamente – « A lua córnea » e « A arte americana ».

29. M. LOBATO 1950a : 243 (carta de 25 de janeiro de 1922).

governo Artur Bernardes, suspendendo o redesconto do Banco do Brasil, completa o quadro. Em setembro de 1925, a editora vai à falência. Mas Lobato não desanima :

« Havendo liquidação, lançaremos sem demora a Companhia Editora Nacional, pequeninha, com o capital de 50 contos em dinheiro e 2.000 em experiência - e em poucos anos ficaremos ainda maiores que o arranha-céu que desabou. [...] O que nos fez mal foi a montagem daquela enorme oficina. A nova empresa será só editora - imprimirá em oficinas alheias »³⁰.

Em seguida, transfere-se para o Rio de Janeiro, onde passa a colaborar com *O Jornal*, de Assis Chateaubriand, e *A Manhã*, de Mário Rodrigues. Na capital federal, apesar de admitir que sempre quis morar no Rio, denuncia uma total falta de identificação com a cidade e, por extensão, com o país :

« A paisagem tropical me cansa. Sinto que vou logo me enjoar destes verdes eternos, destas palmeiras [...] e do eterno Pão de Açúcar. Meu sonho é a paisagem dos países frios, com invernos, árvores desfolhadas, outonos vermelhos, neve - e depois a maravilha que há de ser a "ressurreição" da cor na primavera. [...] Não tenho o índio ou o negro na alma. O tropicalismo me parece coisa de índio e negro da África »³¹.

Nesse momento, no início da segunda metade da década, Lobato já está eivado de americanismo. Vendo no trabalho eficiente a solução dos males do Brasil, identifica na industrialização a alternativa à pobreza material e à baixa produtividade, mas não a indústria artificial, amparada em benesses protecionistas concedidas pelo Estado. Ao protecionismo estatal contrapõe o modelo americano de desenvolvimento. Para ele, as « verdadeiras indústrias eram aquelas que se desenvolvem sozinhas, desde que tenham condições para isso (capitais, mão-de-obra e transporte), prescindindo de qualquer ajuda do Estado » (CAMPOS 1986 : 50).

Os artigos escritos entre 1925 e 1927 foram reunidos principalmente em *Opiniões, Mr. Slang e o Brasil* e *Na antevéspera*, este último lançado apenas em 1933. As mazelas econômicas e políticas do país são trazidas à luz sem cerimônia. O Brasil é retratado através da conhecida metáfora do gigante adormecido, ganhando porém, roupagem um pouco diferente :

« Quem trepa a um Corcovado imaginário e de lá procura ver em conjunto o Brasil, espanta-se da sua atitude. É um gigante deitado e amarrado. Mas não dorme ; estertora com a respiração opressa e faz desordenados movimentos convulsivos para romper o cordoame enleador »³².

Assim, malgrado as dificuldades, ele ainda via recuperação para o país : « O Brasil existe e insiste. Tem uma alma caótica, isto é, em formação - [mas] caos não significa apenas desordem »³³.

Porém, como o Gulliver-Brasil poderia ser salvo ? Embora não afirme claramente, Lobato remete a resposta à adoção do *american way of life*. Afinal, as coisas que funcionam no país provêm, todas dos EUA, desde o refrescante *ice cream soda* até o telefone, o bonde, o automóvel Buick, a máquina de escrever e... o cinema :

« E se ainda lhe restassem forças para tomar uma hora de teatro sem o americano, teria de ir ver a sua beijuda e morrinhenta cozinheira a figurar de

30. M. LOBATO 1950a : 279 (carta de 7 de agosto de 1925).

31. *Ibid.* : 283 (carta de 8 de novembro de 1925).

32. M. LOBATO 1950b : 91-92, « Novo Gulliver ».

33. *Ibid.* : 135, « Catulo - voz da terra ».

"estrela negra" no Largo do Rocio, em vez de maravilhar-se com o encanto da sereia de olhos de gata, que é a Gloria Swanson »³⁴.

34. *Ibid.* : 197, « Influência americana ».

O presidente negro

A escalada de admiração pela civilização ianque, acoplada à reiteração de idéias racistas, chega ao clímax com a publicação do seu único romance, *O choque das raças* ou *O presidente negro*. Escrito em três semanas, foi publicado em rodapés no jornal *A Manhã*, até fevereiro de 1927. Segundo Priscila Fraiz, os livros do físico racista francês Gustave Le Bon *Evolução da força* e *Evolução da matéria*, que Lobato conhecia há quase 20 anos, e a intenção de escrever romances à moda de H. G. Wells serviram-lhe de base para o desenvolvimento da trama da obra (FRAIZ 1991 : 287). Em meados de 1926, comenta, excitado, com Rangel :

« Sabe o que ando gestando ? Uma idéia-mãe ! Um romance americano isto é, editável nos Estados Unidos. Já comecei e caminha depressa. Meio à Wells, com visão do futuro. O *clou* será o choque da raça negra com a branca, quando a primeira, cujo índice de proliferação é maior, alcançar a raça branca e batê-la nas urnas, elegendo um presidente negro ! Acontecem coisas tremendas, mas vence por fim a inteligência do branco. Consegue por meio dos raios N., inventados pelo professor Brown, esterilizar os negros sem que estes dêem pela coisa » (M. LOBATO 1950a : 293-294).

Mais tarde, envia as provas tipográficas do romance para que o amigo faça comentários, dê sugestões. O silêncio de Rangel o preocupa. Instado a dar opinião, outro amigo de Lobato, o sanitarista Artur Neiva também se cala. É de se presumir que o romance tenha chocado tanto que, « apesar das afinidades intelectuais, eles não quiseram comprometer-se política e ideologicamente » (FRAIZ 1991 : 288)³⁵. O livro é publicado em 1927, pela Companhia Editora Nacional, de propriedade de Lobato. *O presidente negro*, além de um exercício de *science-fiction* e de cenário para a apresentação da ideologia racial do autor, constitui uma defesa entusiasmada do povo e da civilização norte-americanos.

Rechaçando opiniões correntes que imputavam aos EUA a pecha de materialista, Lobato pergunta, numa clara alusão à Lei Seca dos anos 1920 : « A um povo que tenta romper com o álcool acha sem ideais ? » Na verdade, o americano seria o único povo idealista do mundo, mas esse idealismo é orgânico, pragmático, « a programação das possibilidades que se ajustam dentro da natureza econômica » (M. LOBATO 1950d : 201 e 202). Esse idealismo construtor estaria encarnado no empresário Henry Ford, detentor de um bom senso natural no qual residem as soluções para os problemas.

A referência a Ford não é fortuita. Mergulhado no mundo dos negócios, Lobato interessava-se cada vez mais pelos modernos métodos de gestão adotados nos Estados Unidos. Segundo André Vieira de Campos, « seus textos da segunda metade dos anos 20 estão permeados por concepções fordistas », as quais consistem não apenas num « conjunto de técnicas de produção », mas também « de uma visão de mundo cujo objetivo é construir a hegemonia burguesa a partir da ótica do capital industrial, ou seja, da fábrica » (CAMPOS 1986 : 79 e 86). Em 1925, Lobato lança *Minha vida e minha obra*, tradução do livro de Ford *My life and my work*, publicado nos EUA em 1922. O grande sucesso de vendas – duas edições de dez mil exemplares cada – anima-o a editar o segundo livro de Ford. Dessa feita, ele mesmo chama a si a tarefa de traduzir *Today and Tomorrow* (*Hoje e amanhã*), lançando

35. Nesta página e nas seguintes, a autora resume e analisa a estrutura narrativa da obra.

a obra no início de 1927. Sua verdadeira idolatria por Ford leva-o a chamá-lo de o « Jesus Cristo da indústria », a escrever um livrinho em inglês – *As Henry Ford is regarded in Brazil* – e a se corresponder com o americano³⁶.

Defendendo o aumento da produtividade e o trabalho eficiente como alternativas básicas para as mazelas do país, Lobato vê nos Estados Unidos um ponto de referência obrigatório para o Brasil. Seu ideal, acalentado há alguns anos, de viver nos EUA torna-se realidade após a posse de Washington Luís na presidência da República, em novembro de 1926. Por influência de Alarico da Silveira, secretário da Presidência, é convidado a ocupar o cargo de adido comercial em Nova Iorque e para lá parte em meados de 1927.

No país dos [seus] sonhos

Lobato chega aos EUA em estado de grande excitação, acreditando piamente na publicação de *O presidente negro* por uma editora americana. Antes de partir, escreve ao amigo Rangel :

« Foi para a América um telegrama da United Press sobre *O Choque*. Telegrama para uma cadeia de jornais. Uma revista americana deu notícia e falou de provável edição inglesa »³⁷.

Outro plano que alimenta é a criação de uma editora nos EUA, a Tupy Publishing Company, que « há de crescer mais que a Ford, fazendo-os a todos milionários – editores e editados ». Sua expectativa é a de que, em dois anos, possa dispensar o cargo de adido comercial e dedicar-se apenas à editora : « Que maravilha ! Morar e ter negócio na maior cidade do mundo, onde os homens se envenenam com o fedor da gasolina de 800 mil automóveis ! »³⁸

Talvez ingênuo, talvez megalômano, as duas coisas talvez. Os projetos de Lobato em pouco tempo revelam-se inviáveis. Os editores lhe fecham as portas, a editora não vinga :

« Meu romance não encontra editor. Falhou a Tupy Company. Acham-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tanto séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, combater a sangue frio o belo crime que sugeri. Errei vindo cá tão verde. Devia ter vindo no tempo em que eles linchavam os negros. Os originais estão com o Isaac Goldberg para ver se há arranjo. Adeus, Tupy Company ! »³⁹

A frustração de seus planos não significa decepção com a civilização americana. Ao contrário : « Sinto-me encantado com a América. O país com que sonhava. Eficiência ! Galope ! Futuro ! Ninguém andando de costas ! »⁴⁰. Em dois meses, Lobato estabelece contatos com o industrial William H. Smith, criador do ferro esponja, e conclui « que o Brasil deve investir rapidamente no aço e no petróleo se quisesse ter uma economia industrial » (SKIDMORE 1986 : 77). É essa solução que aponta para o crônico « atraso » brasileiro, confrontado com o « progresso » americano. Sua crença no ferro,

36. « Sabes que recebi uma carta, lá de Dearbon ? », cf. M. LOBATO 1950a : 300 (carta de 23 de março de 1927).

37. *Ibid.* : 300-301 (carta de 23 de março de 1927).

38. *Ibid.* : 300 (carta de 23 de março de 1927).

39. *Ibid.* : 304 (carta de 5 de setembro de 1927).

40. *Ibid.* : 302 (carta de 17 de agosto de 1927).

na siderurgia, é tamanha que abdica da condição de escritor, de homem de letras :

« O Lobato que fazia contos e os discutia com você está mortíssimo, enterradíssimo e com pesada pedra [...] em cima. O epitáfio poderia ser : "Aqui jaz um que se julgou literato e era metalurgista" ».

E, após visita à Ford e à General Motors, em Detroit, passa à ação :

« Estamos com uma empresa em organização no Rio para ferrar o Brasil, isto é, para produzir ferro pelo maravilhoso processo de Mr. Smith e com esse ferro construir as máquinas e instrumentos por falta dos quais ainda vagamos no "berço do atraso" »⁴¹.

Os Estados Unidos vivem então um período de desenvolvimento acelerado, servindo de modelo para o mundo ocidental. Contudo, orientada pelos princípios do liberalismo clássico, a economia norte-americana mergulha, no final da década de 1920, « num turbilhão de negócios e investimentos, alimentando a crença de que o paraíso na Terra estava localizado, seguramente, ao norte do Equador » (Senai-SP 1991 : 57). Lobato, envolvido na voragem da Bolsa de Nova Iorque, arrisca o que lhe restava de capital e perde tudo com o *crack* de outubro de 1929 ; em meados de 1930, vende suas ações da Companhia Editora Nacional, aplica novamente na Bolsa e perde mais uma vez (VIANNA & FRAIZ 1986 : 25).

Os reveses financeiros não abalam a crença de Lobato nos EUA e no capitalismo. Antes desses acontecimentos, ele havia inaugurado, com sucesso, um restaurante brasileiro em Nova Iorque, conforme comenta em carta ao educador baiano Anísio Teixeira, que havia residido na cidade até pouco tempo atrás :

« [...] a vitória do nosso Brazilian Garden Coffee [é] tão animadora que ontem alugamos o pavimento superior para meter mais mesas e estamos à procura de nova casa para montar o número dois do *chain* »⁴².

A correspondência de Lobato com Anísio Teixeira confirma, com sobras, sua visão positiva dos Estados Unidos. Pontilhadas de expressões em inglês, essas cartas revelam não apenas sua admiração pelo que vê e vive nos EUA como também o profundo descrédito que sente pelo Brasil. São Paulo é uma exceção : « já estava inteiramente ganho pela corrente da civilização », « já começa a ser Estados Unidos ». Reiterando suas considerações negativas sobre o Rio de Janeiro, responsabiliza-a, de certo modo, pelos problemas do país :

« O mal é a cabeça do país ser o Rio - aquela mazela em ponto cidade. O Rio é um fenômeno de parasitismo consciente e organizado, que em nada crê, pilheria a propósito de tudo, tem graça, é leve e por isso tudo terrivelmente venenoso e envenenante »⁴³.

Sua adaptação ao estilo de vida americano é completo, definitivo. Avô de « uma americanazinha, a Joyce », é ele, também, um americano :

« Eu virei nem sei o quê - cigano, *jumping bean*, e acabei expatriado neste mundo tão avesso do nosso mundinho afro-latino. Passei de água a vinho - a mais que vinho, a uísque Nunca mais, senão ocasionalmente, li português. Meus jornais matutinos são o *Time* e o *Sun*. Minha *Revista do Brasil* é o

41. M. LOBATO 1950a : 312 e 313-314 (carta de 28 de novembro de 1928).

42. *Ibid.* : 33 (carta de julho de 1929).

43. *Ibid.* : 41 (carta de 16 de outubro de 1929).

American Mercury [...]. Meus autores : [...] Mencken, O' Neil e tantos outros cujos nomes nada te dizem. Meus homens de rádio são o Amos and Andy, o Floyd Gibbons e não sei quem mais. Meu enlevo é a risada *by air* de Julia Sandersen. Até à música me entreguei, eu, tão pouco musical. O jazz me deleita, e enlevo-me nos *songs*, nos *Broadway/hits*, no perpétuo marulho oceânico desta Broadway onde moro »⁴⁴.

A eclosão do movimento revolucionário que afasta o presidente Washington Luís do poder em outubro de 1930 interfere em seus planos de permanência nos Estados Unidos. No início de 1931, retorna ao Brasil, trazendo na bagagem os originais de *América*, publicado no ano seguinte. No livro, retrato dos Estados Unidos em 1929, pinta em cores vivas sua « confiança no progresso, identificando a prosperidade norte-americana com a felicidade da humanidade como um todo » (Senai-SP 1991 : 52), seu deslumbramento com a civilização urbano-industrial :

« os cinco milhões de quilômetros de estradas de rodagem, que custavam um bilhão de dólares por ano ("40 metros de estrada por habitante !") e por onde circulavam vinte e seis milhões de carros ("um auto para cada cinco habitantes !") » (Senai-SP 1991 : 53).

Em *América*, Lobato revive Mr. Slang, o « inglês da Tijuca » que protagoniza *Mr. Slang e o Brasil*, e com ele viaja pelos Estados Unidos – Detroit, Washington, Filadelfia, etc. –, estabelecendo, contudo, um contraponto constante com o Brasil, seus problemas, e os caminhos para superá-los. No Prefácio da obra, ele sintetiza sua visão do « mundo americano » :

« A incompreensão do fenômeno americano pode filiar-se à natural incompreensão que o carro de trás sempre há de ter da locomotiva. Há muito pouco "Hoje" no mundo. Na própria Europa, o "Ontem" ainda atravanca a mor parte dos países. Naturalíssima, pois, a geral incompreensão relativa ao único povo onde o "Amanhã" da humanidade já vai adiantado » (M. LOBATO 1950f).

Ao lado das reiteradas alusões à necessidade de, a exemplo de Tio Sam, o Brasil explorar o ferro e o petróleo, base da sociedade industrial que colocaria o país na trilha do desenvolvimento econômico, da superação do malfadado « atraso », Lobato discute em *América* um tema crucial, relativamente pouco abordado em seus escritos : a importância do sistema representativo e das instituições liberais. Mas, atenção ! Esse sistema só poderia ser instalado, de forma eficaz, num país industrializado e moderno... como os Estados Unidos. A experiência americana fá-lo acreditar que

« a democracia liberal é o melhor dos governos, porque é estável e duradoura, fruto de uma opinião pública consciente e livre, periodicamente manifestada através de eleições onde votam todos os cidadãos, "inclusive as mulheres... que também são gente" » (CAMPOS 1986 : 114).

Ainda em *América*, ele discute a questão da cidadania e seu exercício no cotidiano, privilegiando a sociedade civil em detrimento da instância representada pelo Estado.

« Numa sociedade verdadeiramente democrática, o indivíduo entra em contato com o Estado em pé de igualdade (como nos EUA), ao contrário do que acontecia no Brasil, onde o Estado tem uma postura de superioridade ao lidar com os cidadãos » (CAMPOS 1986 : 115).

44. M. LOBATO 1950a : 320-321 (carta de 16 de outubro de 1929).

Durante estes quatro anos, Lobato só veio a confirmar a admiração que nutria pela sociedade norte-americana. Observando *in loco* a dinâmica de funcionamento do capitalismo mais avançado do mundo, concluiu que a instalação da siderurgia e da indústria petrolífera era fator essencial para o desenvolvimento econômico brasileiro.

Anos de confronto e decepções : a luta pela industrialização

De volta ao Brasil no início de 1931, ao mesmo tempo empolgado com a sua experiência americana e descrente de que o Governo Provisório, instalado no poder pela Revolução de 1930, conseguisse resolver os problemas do país, Monteiro Lobato fixa-se em São Paulo. Munido de um « discurso industrialista onde as riquezas naturais, o trabalho eficiente e disciplinado, a siderurgia, o petróleo, o transporte e a criação de um mercado interno » (CAMPOS 1986 : 90) constituíam os elementos essenciais para a superação do crônico atraso econômico do país, ainda em 1931, cria o Sindicato Nacional de Comércio e Indústria, voltado para a exploração do minério de ferro pelo processo de William H. Smith, e a Companhia Petróleos do Brasil, « com títulos de subscrição pública na zona de São Pedro de Piracicaba, em São Paulo (poço de Araquã) » (CAMPOS 1986 : 115).

Inicialmente, o ferro, a matéria-prima da máquina, é o centro de suas atenções. Denuncia « pela imprensa o contrato assinado pelo governo com a Itabira Iron Ore Company », empresa inglesa detentora, desde 1911, de enormes jazidas de minério de ferro em Minas Gerais e que vinha adiando sistematicamente o início da exploração, defende o emprego do sistema Smith, por prescindir « dos altos fornos e, conseqüentemente, da importação de carvão » (VIANNA & FRAIZ 1986 : 25). A reunião desses artigos dá origem ao livro *Ferro : a solução do problema siderúrgico do Brasil pelo processo Smith*, lançado em 1931 pela Companhia Editora Nacional. Nele, Lobato revê abertamente algumas posições anteriores e afirma, taxativamente, que o problema do Brasil não é político, nem racial, nem climático, mas sim econômico.

Em virtude da ausência de resultados, em 1933 retira-se do Sindicato Nacional de Comércio e Indústria, desistindo da campanha do ferro. De agora em diante, e até sua prisão, em 1941, concentrará sua ação empresarial na frente do petróleo, a fonte de energia que aciona a máquina. Seu entusiasmo com as possibilidades de seu poço de Araguá é abalado, contudo, pela falta de recursos disponíveis para iniciativas desse porte e pelas limitações impostas pelo governo federal.

Durante o ano de 1934 Lobato corre o Brasil inteiro numa espécie de pregação cívica e econômica na qual, ao mesmo tempo, denuncia a política oficial e busca conseguir recursos para os seus empreendimentos. Mas seus grandes inimigos são os trustes internacionais, capitaneados pela Standard Oil.

« Havia superprodução mundial, e as grandes empresas, que controlavam a produção petrolífera, não tinham interesse na abertura de novos poços. Ao contrário, lançaram uma campanha para convencer o público nacional de que no Brasil não havia petróleo » (*Grandes Personagens da Nossa História* 1970 : 952).

Em julho de 1934, um novo obstáculo. O governo promulga o Código de Minas que, além de proibir os estrangeiros de se dedicarem à exploração mineral, contrariando assim grandes interesses internacionais, acaba atingindo as pequenas empresas privadas nacionais que, como a de Lobato, estavam associadas a capitais externos. Nessa conjuntura de confronto, ele acusa o governo federal de falso nacionalismo, pois, empunhando bandeiras xenófobas, mostra-se contrário « à ciência estrangeira, à técnica estrangeira, a experiência estrangeira, ao capital estrangeiro »; em contrapartida, ele, Lobato, tem « olhos para ver que tudo quanto apresentamos de progresso vem da colaboração estrangeira » (M. LOBATO 1950e : 109).

Em maio, pouco antes do Código de Minas ser baixado, estudo elaborado pelo recém-criado Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) afirma não existir petróleo no estado de São Paulo. A conclusão do organismo governamental significa um rude golpe para a Companhia Petróleos do Brasil, visto que, nesse momento, a empresa de Lobato estava prestes a emitir ações destinadas a levantar fundos para o prosseguimento das pesquisas. Esse fato leva Lobato a acusar publicamente o DNPM

« de falsificar os laudos geológicos com o objetivo de boicotar as pesquisas desenvolvidas pelas empresas nacionais e de defender os interesses dos grandes trusts estrangeiros [...] [sobretudo a Standard Oil Co.] que desejavam manter inexploradas as reservas petrolíferas brasileiras » (FERREIRA 2001 : 3.251).

As atividades da Companhia Petróleos do Brasil e de outras empresas que Lobato havia criado acabam sendo temporariamente suspensas. Em agosto de 1936, Monteiro Lobato publica *O escândalo do petróleo : depoimento apresentado à Comissão de Inquérito sobre o Petróleo*, instalada para apurar as denúncias de Lobato contra o DNPM, que o escritor acusara de ser conivente com a Standard Oil.

Os negócios de Lobato não lhe trazem nenhum lucro. Para sobreviver, volta às traduções e, sobretudo, à literatura infantil. Entre 1932 e 1943, escreve 14 livros, entre os quais *O Poço do Visconde*, livro de geologia para crianças e no qual prevê a retirada de petróleo na localidade de Lobato, perto de Salvador. Isso de fato acontece em janeiro de 1939, em poço pertencente a Oscar Cordeiro.

Os seus violentos ataques contra o governo veiculados pela imprensa são interrompidos pela censura do Estado Novo, decretado em novembro de 1937. Lobato volta a se indispor com o poder em 1941. Anti-estatal convicto, denuncia, em carta a Getúlio Vargas, o general Júlio Horta Barbosa, presidente do Conselho Nacional do Petróleo, de « promover uma perseguição sistemática às empresas nacionais, criar embaraços à exploração do subsolo e alimentar [...] a idéia do monopólio estatal no setor » (FERREIRA 2001 : 3.251). A denúncia vale-lhe três meses de prisão, entre março e julho de 1941.

* * *

Lobato parece acreditar na possibilidade efetiva de um desenvolvimento capitalista no Brasil, empreendido pela iniciativa privada nacional, que, mesmo carente de capitais e de tecnologia – e sendo obrigada, por isso, a suprir essas lacunas no exterior –, reuniria condições para deter as rédeas do processo. Embora reconheça nas corporações internacionais um poderoso

adversário, Lobato na prática acha possível associar-se a elas sem perder a autonomia decisória.

Essa crença num modelo capitalista baseado na pulverização do capital nas mãos de pequenos investidores em plena era do capitalismo monopolista é, no mínimo, ingênua. Ademais, desconsiderar o Estado em meio às profundas transformações registradas no Brasil e no mundo na década de 1930 revela-se fatal às pretensões do empresário Lobato. Seu discurso liberal-fordista que, nos anos 1920 encontrou eco entre os industriais da CIESP, no decênio seguinte é superado pelo projeto corporativista engendrado pelo Estado e por importantes segmentos industriais, inclusive os de São Paulo.

Nessa linha de raciocínio, o próprio apego de Lobato a certos elementos basilares da civilização americana – a figura mítica do *self made man* e a sempre possível ascensão social, o predomínio da sociedade civil sobre o Estado – acaba mostrando-se desprovido de sentido, em descompasso com a realidade e com a história brasileiras. Afirmar, no limiar da década de 1930, que São Paulo já começava a ser Estados Unidos e que « como a mancha de azeite », iria « contaminando de progresso a ação de todos os demais estados » (VIANNA & FRAIZ 1986 : 41), significa entre outros pontos não levar em conta as especificidades regionais do país, significa – numa flagrante contradição com idéias que pregava no passado em relação à necessidade de se encontrar soluções originais para os problemas nacionais – ficar preso a um modelo externo – e estranho – às peculiaridades do Brasil.

Em resumo, o projeto empresarial de Monteiro Lobato, gerado ainda na primeira década do século, adaptado às particularidades do meio rural na fazenda da Buquira, implementado com relativo êxito nas suas editoras, esse projeto naufraga quando é alçado a vãos mais altos – a siderurgia, a indústria do petróleo. Esse fracasso é o fracasso de uma perspectiva econômica liberal – com seu desprezo pela burocracia estatal, pelas formas econômicas estatizantes –, de um modelo político alicerçado em sua admiração pela democracia norte-americana. Portador de um « nacionalismo pequeno-burguês », nas palavras de Francisco Falcon, prefaciador do livro de André Vieira de Campos, Lobato foi um verdadeiro Quixote da livre iniciativa nacional, arremessando sua lança contra os poderosos moinhos do capitalismo internacional e do autoritarismo estadonovista⁴⁵.

Sérgio LAMARÃO

Centro de pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil
(CPDOC), Rio de Janeiro

45. Lobato torna-se, nos últimos anos de vida, um homem triste e desiludido com os rumos do país. Em 1944, já com a saúde abalada, funda a Editora Brasiliense, em sociedade com Caio Prado Júnior e Artur Neves. Com o progressivo desmoronamento do Estado Novo, Lobato engaja-se na luta pela redemocratização e chega mesmo a denunciar o próprio sistema capitalista. Defendendo o socialismo, aproxima-se criticamente dos comunistas. Em 1946, fixa-se na Argentina, onde funda uma editora. Em 1947, lança o folheto *Zé Brasil*, uma versão atualizada do Jeca Tatu, no qual descreve a vida de um típico camponês brasileiro, explorado pelo latifundiário. O panfleto – lançado ainda em 1947 pela Vitória, editora comunista – tem toda a edição apreendida, é reeditado no ano seguinte, pela Editora Calvino, contando com ilustrações de Cândido Portinari, cf. ALVES FILHO 1990 : 35-37. De volta ao Brasil em 1948, participa do movimento contra a cassação dos parlamentares do Partido Comunista do Brasil, colocado na ilegalidade no ano anterior. Monteiro Lobato morre em São Paulo em 4 de julho de 1948, aos 66 anos de idade, em conseqüência de um espasmo vascular que o acometera meses antes.

BIBLIOGRAFIA

- Alves FILHO, A. 1990, *As metamorfoses do Jeca Tatu. A construção da identidade nacional na literatura de Monteiro Lobato*, Brasília, Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais-UnB, mimeo.
- CAMPOS, A.L.V. 1986, *A República do Picapau Amarelo. Uma leitura de Monteiro Lobato*, São Paulo, Martins Fontes.
- FERREIRA, M.M. 2001, « Lobato, Monteiro », in A. A. ABREU, I. BELOCH, F. WELTMAN & S.T.N. LAMARÃO (eds), *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930* (2ª edição revista e ampliada), Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas - Centro de pesquisa e documentação de história contemporânea (CPDOC), III : 3.249-3.252.
- FRAIZ, P., 1991, « O racismo em Monteiro Lobato : um estudo de *O choque das raças* ou *O presidente negro* » in *Pensar e Dizer*, Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (textos dos mestrados em literatura brasileira).
- Grandes personagens de nossa história* (coleção), 1970 (fascículo 551), IV, São Paulo, Abril Cultural.
- LOBATO, M. 1950a, *A barca de Gleyre. Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*, São Paulo, Brasiliense (Literatura Geral. Obras Completas, XXII, 2º t.).
- 1950b, *Na antevéspera*, 3ª ed., São Paulo, Brasiliense (Literatura Geral. Obras Completas, VI).
- 1950c, *Onda verde*, 3ª ed., São Paulo, Brasiliense (Literatura Geral. Obras Completas, V).
- 1950d, *O presidente negro*, 3ª ed., São Paulo, Brasiliense (Literatura Geral. Obras Completas, V).
- 1950e, *Escândalo do petróleo e ferro*. 4ª ed. São Paulo, Brasiliense (Literatura Geral. Obras Completas, VII).
- 1950f, *America*, 4ª ed., São Paulo, Brasiliense (Literatura Geral. Obras Completas, IX).
- Nosso Século* 1980, II, São Paulo, Abril Cultural. [1910-1930].
- SENAI-SP 1991, *De homens e máquinas, 1 - Roberto Mange e a formação profissional*, São Paulo, Senai-SP.
- SKIDMORE, T. 1986, « Brazil's American Illusion : from Dom Pedro II to the Coup of 1964 ». *LusoBrazilian Review* (University of Wisconsin), XXIII (2) : 71-84.
- VELOSO, M.P. 1985, *As tradições populares na Belle Époque carioca*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas - CPDOC, mimeo.
- VIANNA, A. & FRAIZ, P. eds 1986, *Conversa entre amigos. Correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*, Salvador (Rio de Janeiro), Fundação Cultural do Estado da Bahia - Fundação Getúlio Vargas-CPDOC.
- VIANNA, L.W 1991, « Americanistas e iberistas : a polêmica de Oliveira Vianna com Tavares Bastos », *Dados* (Rio de Janeiro) XXXIV (2) : 145-189.